



“Qualquer industrial ou sindicalista aceita reduzir preço se os custos não subirem”

PAUL SINGER



“Oscilação da taxa só é importante para quem está operando no mercado financeiro”

ADROALDO MOURA DA SILVA

Taxa explosiva tem poucas alternativas

O professor Paul Singer acha que ninguém está ganhando definitivamente ou perdendo definitivamente com a inflação brasileira, já que ela chegou a tal magnitude que a divisão entre devedores e perdedores não pode ser rígida. O professor Dionísio Dias Carneiro discorda diametralmente do ponto de vista de Singer e acha que “é um absurdo que ainda se pense que a inflação brasileira pode ser neutra”. Não é que ele seja neutra — concilia Mário Henrique Simonsen — é que a “distribuição de perdas e ganhos é aleatória”. O professor Adroaldo Moura da Silva acha que as taxas brasileiras vão ficar oscilando e que só é importante se elas serão de 15% ou de 24% para quem “carrega posição no mercado financeiro”. Essas idéias de Adroaldo irritam Rogério Werneck que pensa ser incrível que alguém não veja diferença numa taxa anual de 500% ou 1.200%.

A inflação brasileira, com seu tamanho, e seu efeito desagregador, pulou para o centro da cena e foi o objeto da maior parte do debate entre os economistas reunidos pelo JB para analisar a conjuntura econômica: todos eles concordam que é impossível querer estabilizar uma inflação a nível de 20%. “É como tentar estabilizar uma febre de 39 graus” compara o professor Mário Henrique Simonsen.

O mais otimista no debate foi Adroaldo Moura da Silva. Ele acha que não vai acontecer “nada de excepcional” e a inflação vai ficar entre 22% e 24% à espera do calendário eleitoral. “É isto que importa agora e está na cabeça dos agentes econômicos. Todo mundo sabe que vamos ter uma eleição daqui a alguns meses e ninguém quer que aconteça o desastre, uma ruptura institucional”. A tese de ir carregando o andor é repudiada por Rogério Werneck e os dois discutiram o assunto. “Do ponto de vista dos agentes econômicos, que estão operando hoje as flutuações de preços entre 18% e 22%, tudo está dentro das expectativas”, imagina Adroaldo. Ele está convencido que não há qualquer fato novo na economia que possa levar a inflação para 50%. Werneck quer saber qual foi o fato novo que levou a

inflação de 15% ao mês no começo do ano para 24% ao mês em julho, e acha que a falta de resposta para sua questão confirma a tese da extrema vulnerabilidade de taxas assim tão altas.

“A experiência que eu senti — diz Adroaldo — com esses 24% é que se criou um alvoroço nacional, mas o Banco Central colocou a taxa em 60% durante duas semanas e foi uma esfriada geral.” Ele acha que a exacerbação do sentimento de pânico foi eliminada pela alta das taxas de juros. Werneck lembra que este remédio não pode ser usado frequentemente. “Só aumentar a taxa de juros e colocá-la a 60% ao ano real é insustentável”. Ele acha que as medidas têm que ser tomadas em conjunto: um brutal choque fiscal, taxa de juros alta, aperto de crédito e política de rendas.

Falta no país é coordenação, acredita Paul Singer, que pergunta para Dionísio: se o governo propuser uma coordenação haverá reação dos que sempre estão ganhando? Rogério responde que o mais irônico é que até os que estão perdendo vão reclamar. “Vão dizer que logo agora que está na minha hora de reajustar preços, vem o governo com esta história de coordenação? que se coordene depois que eu aumentar o preço.”

Dionísio pensa que o lamentável é que coordenação é necessária, austeridade é importante, mas o problema é que o governo conseguiu nos últimos três anos “desmoralizar todos os instrumentos conhecidos de combate à inflação. Todo o debate e apresentação de pontos de vista, às vezes conflitantes, surge de uma pergunta simples e difícil de responder proposta pelo JB: qual é o horizonte da inflação brasileira? Se ninguém sabe ao certo, frequentemente nesses debates se esbarra na palavra ‘hiperinflação’. Mas o que vem a ser isto? “O problema é que não sabemos qual é este patamar. Os economistas definiram hiperinflação como a primeira vez que a inflação passou dos 50% ao mês e adquiriu uma força de explosão muito forte” teoriza Bacha e acrescenta: “mas concretamente acho que nós estamos correndo este risco”. Por isto Werneck acha perigosas as atitudes de convivência com a inflação a este nível. Elas seriam potencialmente explosivas. Prefere outro caminho: “é fundamental derrubar a taxa violentamente, e se possível convergir para uma situação de estabilidade de preços”.